

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Comunicação
Curso de Direção Teatral

Memorial do Projeto de Encenação:

Nunca Nade Sozinho,
de Daniel Maclvor

Aluna-diretora: Luana Martau
DRE 103094960
Projeto de PET - 2014/2
luamartau@gmail.com
(21) 99621-0084

Sobre o projeto

Uma juíza vestida com um maiô anuncia 13 rounds, cada um com um nome/temática diferente (que vai de estatura, uniforme a quem cai morto melhor), ela decide quem é o vencedor de cada round, aplica faltas e intervém na disputa. A cada vitória, o vencedor tem direito a uma espécie de confessionário, onde expõe seu ponto de vista sobre a situação ocorrida e fala diretamente à platéia.

A juíza avisa que os dois homens carregam uma maleta, mas apenas uma possui uma arma dentro. Ela se dirige a platéia e conta a história de dois meninos que estão na praia, no último dia do verão antes de a escola começar. Perto dos meninos está uma garota de maiô azul, sentada em uma toalha verde com seu radinho de pilha amarelo. Ela se dirige até os meninos e propõe uma disputa: quem chega primeiro até o ponto. O ponto é onde o sol se põe no mar. Essa corrida, com um final trágico, é o ponto de partida da disputa entre os dois homens. Esses dois homens, Frank e Bill, são amigos desde a infância, cresceram juntos, e foram alimentando essa rivalidade e essa necessidade que cada um tem de ser o primeiro. Frank tem um corte de cabelo mais moderno. Bill se veste melhor. Frank é mais alto. Bill é mais magro. Frank tem um caso com uma moça mais jovem. Bill tem uma melhor relação com a esposa. Mas todas essas relações não são reveladas de imediato, vão sendo apresentadas aos poucos, ao longo da peça.

A peça se apresenta como um jogo nonsense, parece um exercício teatral, um jogo de improvisação com dois atores, mas aos poucos as relações vão se revelando, momentos da infância desses dois personagens, e como eles continuaram essa relação quando adultos, sendo pais de família, maridos e homens de negócio. O público acompanha a disputa entre esses machos alpha e vê em cena uma luta egóica, onde estão expostos a mesquinhez do ser humano, os valores deturpados de uma sociedade de consumo que deseja ser melhor, mais bonito e mais bem sucedido que o outro, como se isso fosse trazer felicidade e realização.

Daniel MacIvor (1962 -) é um dramaturgo, ator, diretor, roteirista e cineasta canadense. Ele trabalha sempre de forma colaborativa, criando workshops de dramaturgia, experimentando os textos. “Nunca Nade Sozinho” (“Never Swim Alone”) foi escrita em 1991, quando estava a frente da companhia teatral “da da Kamera”. MacIvor

diz que a vida é um palco. Ele rejeita a ilusão teatral e acredita que, já que nada é exatamente do jeito que parece, então o teatro pode ser mais real do que a vida.

Após assistir as peças “In on It” e “A Primeira Vista”, ambas com direção de Kike Diaz, me apaixonei pela linguagem de Daniel MacIvor. Me fascina essa estrutura onde os atores falam diretamente a platéia, onde o jogo do teatro é revelado, mas ao mesmo tempo uma história é contada e o distanciamento do ator vai aos poucos se envolvendo com o drama do personagem. Gosto desse caráter surpreendente da dramaturgia. A peça se forma como um quebra-cabeça onde o público, atento, tem que ir montando as peças.

Pretendo imprimir uma linguagem teatral apoiada no ritmo, nos gestos bem marcados dos atores, na repetição, na dinâmica de quebra de ações. O texto tem muitas falas que são ditas em uníssono pelos atores, pretendo trabalhar a musicalidade dessas falas.

No palco, apenas duas cadeiras, uma de cada lado e uma cadeira de salva-vidas no meio. Os homens, vestidos de forma igual - com camisas brancas, ternos azuis, sapatos pretos – carregam cada um uma maleta. No centro do palco, a juíza dá seu veredito do alto da cadeira de salva vidas. Ela veste um maiô azul, meio pin up, ela é a memória da menina na praia que aposta uma corrida com Frank e Bill e desencadeia a competição entre os dois.

O formato do espaço cênico será semi-arena. A platéia acompanhará a luta entre os dois personagens, ela faz parte do jogo, ela toma partido dos jogadores.

Sobre as dificuldades pós projeto

ou

A novela da tradução

Decidi montar o texto “Nunca Nade Sozinho” pela possibilidade de mergulhar na linguagem de Daniel Maclvor. Conheci sua dramaturgia através dos espetáculos “In on It”, “A Primeira Vista” e “Cine Monstro”, dirigidos por Henrique Diaz. Foi o próprio Kike que me indicou “Nunca Nade Sozinho”. Li o texto em inglês. Gostei principalmente pela estrutura, pela musicalidade impressa nas falas, pelo jogo entre os três atores/personagens. Decidi que faria a tradução.

Após entregar meu projeto de encenação, em julho de 2014, pesquisando sobre o texto e montagens já realizadas, descobri que uma montagem feita por baianos – a única já feita no Brasil –, entraria em cartaz no Rio de Janeiro, no Teatro Glaucio Gil. A tradução da montagem deles foi feita pelos próprios atores da peça que também eram os realizadores do projeto, Kadu e Ciro . Assisti então a montagem deles e, apesar de a concepção ser absolutamente diferente da que propunha no meu projeto, percebi que a tradução era bem fiel ao texto do Maclvor, e que já tinha sido a apresentada aos dois atores por amigos em comum.

Resolvi então pedir a tradução deles, assim teria menos um trabalho e ganharia tempo, visto que já estávamos em agosto e pelo calendário proposto no meu projeto, já tinha que ter dado início aos ensaios. O Ciro disse que me cederia a tradução sem ressalvas. Mas aí começou meu primeiro problema. O outro tradutor, o Kadu, ficou temeroso em me ceder a tradução e os dois me enrolaram por cerca de um mês. No início estava calma, até porque fui sorteada pra última semana da mostra, mas aí chegou setembro e o desespero bateu. Afinal, se iniciasse o trabalho de tradução naquele momento, perderia muito tempo de ensaio. Tive então uma conversa com a minha orientadora, Gabriela Lírio, que me aconselhou a pensar em outro projeto caso eles não mandassem o texto até o fim daquela semana. Por sorte recebi a tradução na mesma noite, dia 13/09/2014.

Durante o mês de agosto também, fechei o meu elenco. Consegui três atores que admirava: Natasha Corbelino e Daniel Chagas, que já conhecia há tempos e o Alexandre Francisco, aluno da Direção Teatral que tinha feito a minha montagem de Direção VI, “A História do Jardim Zoológico”.

Sobre o processo de ensaio e equipe

Iniciamos nossos ensaios em meados de setembro. Como demorei pra começar a ensaiar, todos os espaços disponibilizados pela UFRJ já estavam ocupados em um cronograma previamente acordado. Consegui então a sala do apartamento de uma amiga que estava vazio.

Começamos então o processo de leitura de mesa. Líamos o texto da peça e outros textos do mesmo autor. Fomos nos familiarizando com a linguagem de MacIvor, percebendo os pontos em comum, a maturidade que ele foi conquistando nos textos seguintes - já que Nunca Nade Sozinho foi uma de suas primeiras peças. Percebemos que o nosso texto era o embrião de uma linguagem que foi consolidada com o "In on It", quase dez anos depois. Fomos descobrindo as fragilidades da dramaturgia e o encantamento de ouvir o texto seguindo a estrutura proposta pelo autor, com os momentos de falas em uníssono e sobrepostas.

Dividimos a peça em 30 cenas/movimentos e nomeamos cada um deles. Fomos percebendo como esse jogo era formado, como a pontuação era feita, a linha crescente de tensão presente na peça. A divisão dos momentos de jogo; do pós vitória do round - momento sempre dirigido diretamente à platéia; e os flashbacks, que contam sobre o passado que os une naquele jogo.

Após algumas leituras, decidi que, assim como na montagem de Direção VI, iria transpor todas as referências canadenses para o Brasil. Sempre me incomoda a dureza da sonoridade de nomes estrangeiros. Não queria esse afastamento. Creio que a história desses três personagens poderia se passar tanto em Toronto quanto no Rio de Janeiro. Queria que o público reconhecesse aquelas figuras e situações, que antes de qualquer referência geográfica são extremamente humanas. Então, os nomes Frank, Bill e Lisa viraram Chico, Beto e Elisa. Assim como as referências de lugar, lojas, marcas e o nome das esposas Donna e Sally, que viraram Paula e Clara. Fazíamos a leitura sempre com o original em inglês do lado, e sempre recorriamos a ele para um ajuste na tradução ou para um maior entendimento.

Com a liberação das salas do Fórum da UFRJ para os ensaios da mostra, começamos a ensaiar em um mesmo espaço basicamente até a estréia.

Após duas semanas de leitura de mesa, começamos a levantar. A primeira atividade que eu pedi pós trabalho de mesa foi uma composição pra cada um em cima do seu personagem com as seguintes regras:

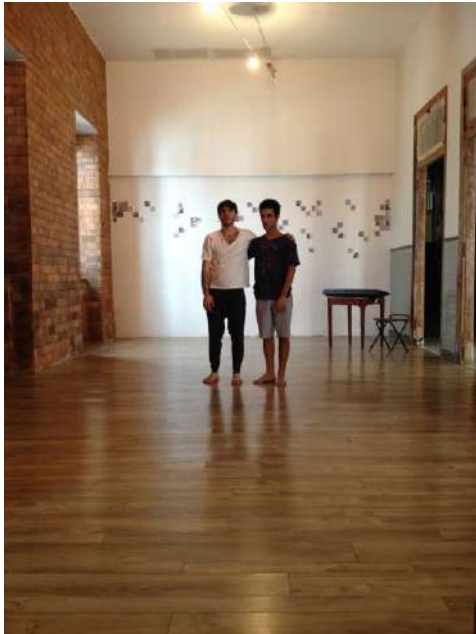
- Duração de até 4 minutos
- Início, meio e fim.
- Pelo menos 1 frase do personagem, que pode ser desmembrada ou repetida.
- 1 repetição.
- 1 mudança de ritmo.
- 1 gesto engraçado.
- 1 música (que pode ser cantada, cantarolada, murmurada ou tocada mecanicamente).
- Revelar 1 objeto.
- A composição deve se passar em um dos lugares que o personagem passa na peça. (Ex: praia, restaurante, festa do Rick, empresa, casa do Beto...)

Desse exercício saíram gestos, objetos (como o teclado, por exemplo) que entraram na cena. Em cima do que eles trouxeram, fomos criando esses personagens, o corpo



deles, como eles se movimentam, como se relacionam um com o outro e com a platéia.

Fiz um set list de surf music dos anos 50, 60 e 70, além de músicas brasileiras com a temática de praia, mar, verão. Todos os dias, pra começar o ensaio, eu botava essas músicas pra eles aquecerem e dançarem. Eles começavam com ações básicas, como correr, parar, sentar, deitar, saltar, sempre em resposta ao estímulo do outro, e em cima de proporções que eu sugeria, tipo 2 por 1. Eu ficava observando, anotando e até



fotografando a dança, a improvisação deles, às vezes lia um trecho do texto pra eles seguirem a partir daquele momento com aquelas palavras ecoando no corpo. E depois conversávamos e falávamos sobre o que ficou, o que pode ir pra cena.

Fomos levantando a peça dessa forma. Eles dançavam e improvisavam em cima de uma cena, eu anotava e sugería momentos, movimentos e o texto vinha integrado com o corpo, com as relações estabelecidas no jogo, na dança deles. Talvez por ser atriz, o meu trabalho de direção se dá muito através do ator, de dar estímulos para a criação da cena por eles, pela relação entre os corpos construída nos ensaios.

Nesse momento, no início da marcação das primeiras cenas, aconteceu de a Natasha não poder ir ensaiar por conta de um trabalho, isso, que a princípio me pareceu péssimo, no fim foi interessantíssimo. Os meninos trabalharam muito sozinhos e criaram uma interação, uma resposta imediata ao estímulo do outro, eles criaram um corpo que sabia ser único, mas, ao mesmo tempo expunha suas particularidades. O primeiro e o segundo round foram marcados sem a Natasha. E quando ela voltou, foi engraçado como sacudiu aquela relação já estabelecida, como o foco de agrado mudou, como cada um foi revelando suas características de sedução, o Daniel mais pela força, o Alexandre mais pela doçura; mas sem perder a precisão de resposta e a conexão conquistadas no



primeiro momento.

A personagem da Natasha foi o que mais demoramos pra entender. Durante o trabalho de mesa sugeri que a juíza seria a menina da praia o tempo todo. Não queria que tivesse diferenciação de quando ela julga e quando narra ou vive o passado em cena. A menina que despertou a disputa entre os dois julgaria aquele jogo do alto da cadeira de salva vidas com todos os seus apetrechos de praia. Passei a levar e solicitar objetos de praia, de infância, de férias, de verão. Fazíamos todas as danças e improvisações com o uso desses objetos. Assim, surgiram, além do que já estava indicado no texto (a toalha de praia, o rádio de pilha amarelo), bola, bolinha de sabão, raquete de pingue-pongue, revista, ventilador portátil, binóculo, regador. A personagem da juíza foi ficando cada vez mais cômica e estranha na cena dos dois homens de terno e maleta. Fomos criando ações que ela faria enquanto os rounds aconteciam.

Depois, o trabalho foi justamente de quebrar, de dar dinâmica ao que já tinha sido conquistado; relaxar a precisão das falas, trabalhar a força no Alexandre e a fragilidade no Daniel; e dosar o tom do humor na juíza, não deixar que o foco da cena se perdesse.

O trabalho da minha orientadora Gabriela Lírio foi peça fundamental para que o espetáculo não se perdesse. A cada ensaio que ela assistia, ela conduzia e questionava o melhor aproveitamento e clareza daquilo que eu pretendia na cena. É um trabalho de uma sutileza e contribuição enormes. Em nenhum momento houve negação da proposta, mas sim apontamentos para que aquilo que se pretendia chegasse de fato a cena e a plateia.



A

música também foi ficando cada vez mais presente. Elas deixaram de ser apenas o estímulo para a dança, para os improvisos e passaram a habitar as cenas. Creio que o clima todo da peça se deu através desse setlist de músicas de verão. Sou de família de músicos então pra mim o teatro e a música andam sempre juntos, sempre pensei teatro como uma partitura musical, mesmo que não tenham canções propriamente ditas, acredito que a leitura de um texto, com suas dinâmicas, ritmos, é como uma partitura.

Sempre quis ter um número musical na peça. Um momento tosco, que brincasse com o próprio absurdo que é o musical, onde uma música entra do nada e todos dançam em uma mesma coreografia. No meio do texto, no momento de intervalo do jogo, quando a juíza volta a contar a história do passado, Maclvor dá a indicação de que Frank e Bill cantam um verso de uma canção de verão. Foi a deixa perfeita para inserir “Quatro Semanas de Amor”, de Luan e Vanessa. Uma música que fala de uma paixão de verão,



que fez sucesso no auge da cafonisse dos anos 80.

O texto do Maclvor me encantou justamente por isso, pela possibilidade de brincar com o fazer teatral, de expor o jogo para o público. Uma peça em que os personagens disputam um jogo, mas os atores jogam revelando a cena, “os truques” para o público.

Conseguimos, apesar do atraso inicial, cumprir o cronograma desejado. Terminei a marcação da peça toda até o final de novembro. Assim tivemos duas semanas só de passarões, fazendo ajustes, limpezas e pequenas mudanças.

Penso que o mais complicado foi conciliar os compromissos de trabalho e estudo de todos com a disponibilidade dos espaços. Creio que voltar pra faculdade quatro anos depois, tendo tanto aprendizado na prática, não só no teatro, mas em outros veículos, me deu uma calma maior em relação ao exercício da montagem, mas, por outro lado, é muito mais complicado conciliar a vida profissional, que não pode parar, com a vida acadêmica.

Comecei o processo sem assistente de direção, mas senti muita falta, chamei então o aluno Thomas Santos, com quem fazia aula de Ator IV - essa é outra questão quando

se retorna a faculdade muitos anos depois, você não conhece mais ninguém no curso -, mas o Thomas foi apenas em um ensaio e teve que sair por causa de um trabalho.

Por indicação do Alexandre, chamei o Homero Ferreira, aluno do segundo período, que foi incrível para o processo. Apesar de ter entrado na reta final dos ensaios, trazia questões pertinentes, sempre pró-ativo, fez toda a parte gráfica e de divulgação, além de ter criado uma relação de confiança e alegria com os atores. Aliás, pode parecer piegas isso, mas uma das coisas que me orgulho desse processo de montagem é que consegui fazer da sala de ensaio um lugar prazeroso, de muita alegria.

Senti muito orgulho quando me dei conta que tinha uma equipe que comprou minha idéia e que batalhou pra tudo sair da melhor forma possível. Caso, por exemplo, do Raphael Elias, que fez o cenário. Ele tinha sido assistente da cenógrafa que fez a minha Direção VI, já tinha ficado encantada com o seu cuidado e empenho - mesmo estando no segundo período de cenografia na EBA. Tivemos uma comunicação e parceria incríveis.

Com o apoio da EAT, o meu cenário ficou exatamente como idealizei: uma cena limpa, uma caixa preta com a cadeira de salva-vidas vermelha e dois bancos pretos.

Já a equipe de figurino foi bem mais trabalhosa e complicada. Uma das meninas abandonou o processo por motivo de saúde, deixando o trabalho todo nas mãos da Lorena Rodrigues. O figurino dos meninos foi mais fácil porque comprei os ternos prontos, iguais por um bom preço, mas o figurino da Natasha foi bem complicado. Foi feito pelas costureiras da EAT, mas com um acabamento péssimo e foi a última coisa a ficar pronta. Tive que levar o maiô e a saia em uma costureira profissional na véspera da estréia para deixar minimamente apresentável, mas o resultado ficou aquém do esperado.

Reta final e estréia

Os passadões feitos na semana da estréia me deixaram satisfeita, confiante em relação ao trabalho realizado. E a equipe também tinha a mesma impressão. A peça estava com ritmo, com dinâmica, humor, ironia, com todos os movimentos que foram pensados e discutidos por mim e Gabi desenhados. O erro aconteceu no dia da estréia. Não consegui administrar bem o tempo. A montagem de luz acabou quase às 18h. Isso

me deu um tempo mínimo para colar o piso, e passar os movimentos de luz até a estréia às 20h. A equipe de iluminação, composta por Maria Gabrielle e Dani também era bastante inexperiente. Toda a antecedência e calma que conquistei durante o processo, não consegui manter na estréia. Fiquei bastante frustrada com a primeira apresentação. Foi confusa, as dinâmicas não apareceram, o que fez com que os momentos de humor não acontecessem, faltou ironia, o texto não se apresentou na potência que conquistamos nos ensaios. Sinto que errei ao entrar na pilha do caos da correria e acabei contaminando



os atores.

Em compensação, o segundo dia foi excelente. A peça enfim aconteceu diante do público como vinha acontecendo nos ensaios. Foi gratificante ver a reação do público. E a última apresentação foi heróica, pois conseguiu se manter bem apesar de 13 minutos de fogos ininterruptos que começaram nos primeiros 5 minutos de peça e uma queda de luz - que fez reiniciar a mesa - nos minutos finais.



Apesar de todas as questões apontadas acima, me senti muito feliz e realizada com a minha montagem de formatura. Relendo o meu projeto de encenação, sinto que consegui realizar a proposta pensada, sem deixar jamais de aproveitar as surpresas que surgem no processo. Listo abaixo alguns dos tópicos presentes nos objetivos do meu projeto que penso que foram cumpridos:

- Criar uma cena simples, uma cena que é jogo. Brincar com o próprio fazer teatral.
- Pesquisar a musicalidade das falas e como levar à cena a repetição.
- Trabalhar, através desse três personagens, a capacidade de observação do outro para criarem juntos esse corpo que é tão parecido, mas que vai revelando aos poucos suas particularidades.
- Fazer um espetáculo dinâmico, que tenha humor, e que, com o desenrolar da história, faça o público refletir seus próprios valores.
- Trazer para os próprios alunos do curso um texto nunca antes montado na universidade.
- Fazer um espetáculo onde a platéia deve ficar atenta, para montar as peças desse quebra-cabeça que são jogadas aos poucos através dos atores.

- Concluir meus estudos no Curso de Direção Teatral, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aproveitando e mesclando tudo o que me foi absorvido nesses anos todos de estudo do teatro.

Minha trajetória no Curso de Direção Teatral foi bastante conturbada e interrompida. Entrei no ano de 2003, mas sem pensar em me tornar diretora. Queria aprimorar e abranger meus estudos em artes cênicas. Já era atriz desde os 9 anos de idade, e, como a paixão pelo teatro sempre foi tão grande, o curso de Direção Teatral me pareceu o mais completo. Aqui saberia de tudo o que foi e é necessário pra fazer a tal mágica acontecer. E não estava errada. Histórias, dramaturgias, corpo, filosofia, cultura popular, iluminação, produção, ator, ética, teorias, poéticas, trilha sonora, psicologia, caracterização, e todo um mundo que me era tão conhecido e parecia ao mesmo tempo tão novo. Por conta do curso trabalhei com iluminação, produção, cenário, assistência de direção... E assim fui levando, conciliando os trabalhos em teatro fora da faculdade com as aulas.

Em 2008/2 tranquei pela primeira vez; tinha passado no teste para fazer *Clandestinos*, uma peça de um dos diretores que mais admirava, João Falcão, e os ensaios eram de 14h às 22h. Em 2009/1 lá estava eu de volta. Sempre persisti na idéia da formatura. Mas no segundo semestre lá fui eu trancar de novo. Dessa vez por conta de um meio até então ignorado por mim, a televisão.

Bom, 5 anos, 4 novelas, 3 séries, 1 filme, 6 peças, 1 jubileamento, 1 rematrícula de matrícula cancelada, 6 disciplinas e 2 montagens depois, aqui estou eu, realizando o que pensei por um momento que não seria mais possível. Sou muito grata a todos os mestres e colegas que me ensinaram tanto. Obrigada! Evoé! Merda!

